

Um retorno às origens: dos mitos à educação ambiental

A return to the origins: of myths to environmental education

Carlos Alberto Genz – PUCRS

RESUMO

Este trabalho procura analisar as origens de nossa sociedade e cultura a partir de seus mitos de origem. Esta análise tem como pano de fundo o entendimento das relações entre cultura e natureza estabelecidas na modernidade, procurando indicar possíveis pontes capazes de superar a dicotomia estabelecida entre estes dois polos, reconhecida como sendo um dos problemas que leva nossas sociedades ocidentais ao estabelecimento do que se convencionou chamar de “crise ambiental”. O objetivo deste trabalho é tentar encontrar as origens do pensamento de dominação da natureza pelo ser humano. Também tenta analisar um momento de ruptura entre este e o meio ambiente, para que se possa reivindicar a construção de uma nova ligação.

Palavras-chave: Mitos. Religião. Educação ambiental.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the origins of our society and culture from its myths of origin. This analysis is set against the backdrop of the understanding of the relationships between culture and nature established in modernity, seeking to indicate possible bridges able to overcome the dichotomy between these two poles, recognized as one of the problems that leads our Western societies to the establishment of the so-called “environmental crisis”. The aim of this work is to try to find the origins of the thought of domination of nature by humans. Also attempts to analyze a moment of rupture between this and the environment, so that one can claim the construction of a new connection.

Keywords: Myths. Religion. Environmental education.

INTRODUÇÃO

A crise ambiental gerou uma situação insustentável para o mundo moderno. Hoje, mais do que nunca, precisamos reinventar a forma com que vemos o mundo para que possamos continuar existindo. Para isso, a Educação Ambiental deve buscar construir uma nova relação entre o ser humano e o meio ambiente e do ser humano entre si, revelando uma nova abordagem Ética para nossa relação com a natureza, uma nova técnica, mas, sobretudo, uma nova espiritualidade, diversificando a linguagem, desvelando novas racionalidades e valorizando outras formas discursivas.

Neste sentido, analisar as origens de nossa sociedade e cultura parece dar boas indicações para nossas futuras construções sociais. A tentativa de ressignificar o Mundo exige um enorme esforço para compreendermos o que temos em mãos. Nas Palavras de Mircea Eliade (2002, p. 35):

[...] a criança que acaba de nascer é colocada em face de uma série de ‘começos’. E não se pode ‘começar’ alguma coisa a menos que se conheça a sua ‘origem’, que se saiba como essa coisa veio à existência pela primeira vez.

O objetivo deste trabalho é tentar encontrar as origens do pensamento de dominação da natureza pelo ser humano. Também tenta analisar um momento de ruptura entre este e o meio ambiente, para que se possa reivindicar a construção de uma nova ligação baseada na complexidade.

O pensamento de que possamos encontrá-las nas origens de nossa estrutura religiosa, bem antes da constituição do moderno, portanto, é um princípio que nos guiou neste trabalho. Apesar de detectarmos a fonte da problemática ambiental na modernidade, esta mesma está enraizada historicamente em princípios religiosos que tem sua origem no cristianismo, e mais remotamente no judaísmo ou nas culturas do Oriente Próximo. É com esta intenção que passeamos um pouco nas constituintes religiosas do pensar moderno: tentando encontrar a fonte de tal constituição social e cultural. Os símbolos religiosos que produziram o mundo moderno precisam ser desvelados, principalmente com relação ao mundo natural.

Neste trabalho, começamos por definir o significado e a importância de entendermos os mitos, principalmente os cosmogônicos e os de origem, como fontes de produção cultural da humanidade, inclusive a moderna, bem como da sua percepção do Mundo.

Para entendermos este mundo onde vivemos, e principalmente a crise que estamos afundados, realizamos uma viagem pelos mitos cosmogônicos e de origem dos principais povos que lançaram as bases estruturais de nossa sociedade: a BABILÔNICA, por ter baseado a hebraica. A HEBRAICA, por ter constituído as bases da Cultura Cristã, e a GREGA, por influenciar de forma definitiva o pensamento ocidental moderno.

A escolha dos mitos cosmogônicos se dá por que “o mito cosmogônico é o mito exemplar por excelência: serve de modelo ao comportamento dos homens” (ELIADE, 2001, p. 121) Poderíamos ter pautado nosso trabalho em outra constituinte que também vemos como importante na construção da modernidade, como os mitos escatológicos ou a noção de Tempo na sua constituição moderna. No entanto, fizemos a escolha por desenvolver as ideias dos Mitos de Criação, relacionando-o com sua interface artística e de formação cultural do modo de ver o mundo das culturas primeiras que desembarcaram seus símbolos no modo moderno ocidental. Mas, em tudo isto, o pano de fundo e a pergunta que nos persegue em todas as páginas deste artigo é: Qual a origem da crise ambiental de nossos dias?

OS MITOS

A modernidade, em sua concepção básica, foi construída sobre os alicerces de uma cultura que teve alguns pilares básicos. Chamaremos aqui de pressupostos da cultura ocidental moderna. Não pensaremos no mito como uma fonte cultural exclusivamente religiosa, mas sim como todas aquelas instituições básicas que permeiam uma sociedade e que dão sentido àquilo que seus mem-

bros realizam, fazem ou são. Então podemos começar a falar de mitos modernos não como fábulas ou lendas que no máximo nos dão uma conduta moral, mas como aspectos que dão sentido ao que fazemos ou ao que pensamos que somos. Por isso a necessidade de tratar os mitos que deram fundação às estruturas modernas como capazes de nos fazer entender o modo de ser moderno ocidental, principalmente no que concerne a nossa imagem do meio ambiente¹ e de nossa relação com ele.

Mas é bom iniciarmos fazendo alguns alertas. Em primeiro lugar, “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 2001, p. 11). É dentro desta ideia que queremos fazer uma leitura dos mitos fundantes da civilização ocidental moderna. Não poderemos abordar todos os aspectos que influenciam a nossa estrutura civilizacional. Queremos, antes, abordar um lado da complexa rede de constituintes modernos que nos fazem ingressar no século XXI com a mais absoluta incerteza sobre a continuação da existência do ser humano ou da própria Terra como a conhecemos hoje.

Mas, se o mundo moderno tenta ser um mundo desmistificado, isto é, que não é determinado por causas metafísicas nem por fonte religiosa, por que partir dos mitos que deram origem ao mundo ocidental para explicar uma civilização sem mitos?

Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecerem (ELIADE, 2001, p. 18).

Queremos propor uma nova leitura dos antigos mitos cosmogônicos para que possamos resgatar o que foi perdido neste caminho de desmitologização. Perdemos os contatos fundamentais com a nossa própria origem. Perdemos a capacidade de renovar nossas alianças com o transcendente, com o mais além do físico, na acepção moderna do termo. Precisamos novamente ter a capacidade de refazer o que uma vez foi feito. Ter a criatividade, que a arte pode não ter perdido, e que a ciência insiste que perdeu, mas que no seu fazer diário reporta novamente ao princípio. E como os mitos cosmogônicos podem nos mostrar este caminho? “Em outros termos, a cosmogonia constitui o modelo exemplar de toda situação criadora: tudo que o homem faz repete, de certa forma, o ‘feito’ por excelência, o gesto arquetípico do Deus criador: a Criação do Mundo” (ELIADE, 2001, p. 34).

A questão, então, que se afirma é se podem os mitos, frutos de outros tempos, situações e até mesmo civilizações, mas que ainda hoje contamos e lemos serem lidos como mitos de nossa civilização moderna ocidental?

Vivemos um período histórico onde os mitos, principalmente antigos e religiosos, se revestem de baixo valor no jogo de poder entre as linguagens que fazem parte do ser moderno. O *status* de verdade é geralmente concedido à linguagem científica ou as que se transvestem de científicas. Com nossa estrutura objetificante da natureza, que criou no ser humano de nosso tempo a noção peculiar de indivíduo, objetificamos nossa história, que se pensa ter valor absoluto. No entanto, de acordo com Rosemary Ruether (1993, p. 20),

¹Estou usando o termo “meio ambiente” em seu sentido comum e cotidiano.

[...] a história nunca é completamente objetiva, pois consiste sempre de uma seleção e interpretação do passado para tentar dar significado ao presente. Porém, isto não quer dizer que não possa haver conhecimento histórico isento de interpretações subjetivas, nem que o mito não deva ser examinado desde um ponto de vista de seus valores espirituais e éticos (tradução nossa)².

Para Eliade, com relação à possibilidade de entendermos o mito a partir de nossa história e forma de interpretar o mundo, nos diz que

[...] as sociedades onde o mito é – ou foi, até recentemente – “vivo” no sentido de que fornece os modelos para a cultura humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos (ELIADE, 2002, p. 8).

Nós, homens e mulheres modernos ocidentais, podemos dizer, temos na ciência e na história a construção até certo ponto mítica que nos constitui. E, em grande medida, entender esta ciência e esta história pode nos ajudar a entender os mitos modernos. As versões mitológicas ou científicas do surgimento de nossa sociedade pode levantar ou levar a tona tudo que subjaz ao ser humano. Entender os mitos que deram origem a nossa história ocidental cristã pode dar luz até à problemática ambiental que segue no bojo dos problemas construídos pelo nosso modelo civilizatório.

As versões sobre a criação não são uma antecipação da ciência atual, quer dizer, suposições sobre a natureza do mundo e de seus processos físicos e suas relações, senão também modelos básicos para a sociedade. Estas versões unem as suposições sobre como se relacionam entre si o divino e o mortal, o mental e o físico, os seres humanos, o masculino e o feminino, assim como os seres humanos e as plantas, animais, terra, água e estrelas. Eles refletem a visão global da cultura e a transmite para as novas gerações (RUETHER, 1993, p. 27, tradução nossa)³.

Ainda há que se salientar que uma mesma história mítica contada da mesma forma, porém em culturas diferentes podem ser também entendidas de formas diferentes. Valem os ‘óculos’ da sociedade que assume aquele mito como seu. Porém, quando um mito é recontado e transformado (transportado?), assume os contornos da sociedade que lhe deu origem nova.

Nossa civilização tem recontado os mitos que nos deram origem de forma própria. Através da ciência e da História, renovamos os mitos de origem de nossos antepassados civilizacionais, restaurando o princípio de uma nova forma. Basta ver as novas teorias científicas sobre a origem do universo. Podemos remeter os nossos estudos científicos a diversas formas de mitos cosmogônicos

² Texto original: “[...] la historia nunca es completamente objetiva, pues consiste siempre en una selección e interpretación del pasado para encontrarle significado al presente. Pero esto no quiere decir que no pueda haber conocimiento histórico exento de intenciones subjetivas, ni qui el mito no deba ser examinado desde el punto de vista de sus valores espirituales y éticos” (RUETHER, 1993, p. 20).

³ Texto original: “Las versiones sobre la creación no son sólo un anticipo de la ciencia actual, es decir, suposiciones acerca de la naturaleza del mundo y de los procesos físicos y sus relaciones, sino también modelos básicos para la sociedad. Estas versiones plasman los supuestos sobre cómo se relacionan entre sí lo divino y lo mortal, lo mental y lo físico, los seres humanos, lo masculino y lo femenino, así como los humanos y las plantas, animales, tierra, aguas y estrellas. Reflejan la visión global de la cultura y se la transmiten a las nuevas generaciones” (RUETHER, 1993, p. 27).

mundiais⁴. Resta entendermos o que estava por baixo daqueles mitos e o que se encontra por baixo de nossos mitos atuais.

A ORIGEM SEGUNDO OS MESOPOTÂMICOS

Optamos aqui a iniciar a descrição dos mitos cosmogônicos que geraram nossa sociedade moderna ocidental pelo mito babilônico, o *Enuma elish*, por este, segundo vários autores, ter sido o inspirador do mito judeu. Existem inclusive, muitas semelhanças estruturais entre estes dois mitos, porém a leitura social e ambiental é evidentemente diferenciada.

Este poema acádico de mais de mil versos foi escrito provavelmente por uma única pessoa, visto ser de origem homogênea, por volta do século XIV aC. Os textos principiam pela descrição do universo primitivo sem forma (o caos grego) constituído por água doce, personificado no deus Apsu, e por água salgada, personificada em Tiamat. Estes formam o primeiro casal que originara todas as coisas sobre a Terra.

Conta a seguir o surgimento dos deuses antropomórficos, que precedem ao ser humano e a toda criação da natureza e do céu. Com a evolução da sociedade babilônica, e a criação de cidades, os deuses antropomórficos começam a ter precedência no culto, fazendo com que estes primeiros deuses entrem em choque com os deuses mais jovens. Um dos deuses, Ea, em uma destas batalhas, mata Apsu. Tiamat, sua companheira, prepara então sua vingança, e se une ao chefe dos deuses seu partidário, Kingu. Os novos deuses, preocupados com os preparativos para guerra por parte de Tiamat, entregam o poder supremo a Marduk, filho de Ea, já considerado velho e sem interesse para defender o panteão dos novos deuses.

Marduk, então com o poder supremo nas mãos, mata Tiamat em uma rápida campanha. Com o corpo de Tiamat constitui o universo como tal. Com metade do corpo da deusa constitui a abóbada celeste e com a outra metade faz a terra.

Após a formação do cosmos, os deuses ainda não estão satisfeitos, pois ainda têm que trabalhar muito para o seu sustento. Marduk, então, a pedido dos deuses, trava nova batalha, agora contra Kingu, segundo marido de Tiamat, o mata e de seu sangue misturado com barro, constitui o homem como servo dos deuses. Estes devem fazer o trabalho dos deuses e alimentá-los, como escravos que são. Podem os deuses, então, ficar descansados e sem trabalho no lugar onde vivem.

A organização do universo babilônico é visivelmente 'engendrada' sobre as forças naturais. Os deuses jovens em luta com as forças da natureza, personificadas em Tiamat, Apsu e Kingu, acabam por construir a partir do natural um mundo cultural e ordenado, organizado em classes hierarquicamente dispostas. O ser humano assume a função de dar boa vida às classes dominantes, que derrotaram os poderes destrutivos da natureza, que os dominava completamente. Nos rituais de ano novo, onde esta história era recontada e ritualizada, se reconstituía a ordem que se sobrepunha ao caos natural. Os ritos de ano novo traziam um novo começo, vencia-se novamente a batalha sobre as forças da natureza representadas por Tiamat e Kingu, e se restabelecia a capacidade de construção cultural do ser humano sobre o ambiente.

⁴Para uma leitura mais detalhada sobre esta tese, isto é, de que as teorias científicas atuais são uma releitura de mitos de origem de diversas civilizações do passado, vale a leitura do livro de Marcelo Gleiser, *A Dança do Universo* (1997). Nele o autor, de forma científica, categoriza tanto mitos de origem quanto teorias científicas e correlaciona ambas para mostrar um certo paralelismo entre ciência e religião.

É para estabelecer uma nova relação societária que este mito é ‘engendrado’. A sociedade primitiva, baseada na agricultura e no clã está em decadência, surgindo a sociedade baseada na cidade e na classe nobre, no rei. Os deuses construtores precisam vencer a batalha com as forças da natureza, que é também a batalha da submissão do campo pela cidade. E para que esta nova sociedade hierarquizada surja, é necessária a destruição completa das antigas divindades relacionadas à terra, ao campo. A submissão da natureza aos desígnios divinos (e humanos da cidade) deve ser completa.

Nesta hierarquização do poder, o patriarcalismo também assume um papel fundamental. Uma sociedade construída a partir de deuses masculinos e guerreiros, que vencem forças femininas ou ao menos comandadas por uma divindade feminina (Tiamat) determina necessariamente uma ascendência do homem sobre a mulher. É na verdade a questão de dominação que é imposta tanto sobre a natureza como sobre a mulher.

A ORIGEM SEGUNDO OS JUDEUS

Para os judeus, assim como também para os cristãos, o mito da criação é encontrado na *Bíblia Sagrada*, nos primeiros capítulos de Gênesis. Existem, no entanto, duas histórias da criação. A primeira, contada em Gênesis 1:1 a 31 e 2:1 a 3, foi escrita durante o exílio na Babilônia, por volta do século V aC., por sacerdotes que conheciam muito bem os mitos cosmogônicos dos mesopotâmicos, bem como as histórias do dilúvio. O segundo relato de criação é bem mais antigo, provavelmente passado oralmente de geração em geração, e que demonstra outros aspectos da relação do povo com Javé e também com a natureza. Ele está escrito na sequência do primeiro, em Gênesis 2: 4 a 25.

No primeiro relato, considerado a ordem como aparecem na Bíblia, Deus constrói o mundo em sete dias. No primeiro, faz o dia e a noite, na oposição de luz e trevas. No segundo, faz o firmamento e separa a água. No terceiro, separa a água que ficou debaixo do firmamento, formando partes secas e outras onde as águas se reuniam, isto é, forma a terra e os mares. A seguir, no mesmo dia, faz as plantas, enumeradas como rasteiras (relva), herbáceas e arborícolas, sendo nomeadas somente as que produzem frutos. Já se nota aqui um sentido utilitarista na natureza criada por Deus.

No quarto dia, Deus constrói os luzeiros, isto é, o sol, a lua e as estrelas, bem como determina suas funções de prover a terra de luz e indicar o passar do tempo para o ser humano, que ainda não havia sido constituído. No quinto dia, Deus cria os animais e os abençoa, determinando sua reprodução. No sexto dia, a criação também é de animais, mas desta feita, animais que se relacionam mais diretamente com os seres humanos, seja para seu ‘uso’, seja por sua identificação ou insubmissão, seja por sua ‘malignidade’.

Neste mesmo sexto dia, fez Deus o ‘homem’ (muitos autores traduziriam a palavra não como homem, mas como ser humano. Porém todas as bíblias modernas tratam como homem, mostrando uma visão patriarcal de sociedade) e deu a ele(s) domínio sobre tudo. Talvez aqui encontremos o trecho mais discutido e mais criticado por ambientalistas atuais quando falam sobre as bases da formação do cristianismo:

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céus, e sobre todo

animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será pra mantimento. E assim se fez (GÊNESIS, 1969, cap. 1, vers. 28-30).

Fica muito forte aqui a razão antropocêntrica da criação. Cabe ao homem (ser humano?) o papel de dominador sobre toda a criação. Mas o mito de criação tem exatamente este objetivo: Explicar por que o ser humano, e só ele, têm o poder, outorgado por Deus, de submeter a natureza ao seu domínio. E isto é evidentemente problemático quando se fala em meio ambiente ou mais atualmente em biocentrismo para contrapor ao antropocentrismo. No entanto, somente nos é dado a capacidade de interpretarmos o mundo de acordo com os nossos olhos humanos, tornando qualquer forma antropocentrista.

Mais duas coisas importantes sobre esta mesma passagem: a primeira é que o fato de dar domínio sobre os seres vivos não determina um domínio sobre as forças naturais. O ser humano continua submisso às forças da terra e do firmamento, sem ter nenhuma ação sobre ele. Em segundo lugar, o fato de dar Deus o domínio sobre as coisas não dessacraliza os dominados. Deus continua achando tudo uma obra boa, realizada por Ele e não por mãos humanas.

Já o sétimo dia é da instituição do dia de descanso. Este dia é de fundamental importância para a comunidade de hebreus que estavam no exílio babilônico. Era a determinação do dia consagrado à adoração de Javé, mesmo para aqueles que se encontravam no cativeiro. É, portanto, um mito para um público especial que precisava auto afirmar sua identidade frente a outros povos e culturas. Que precisava unir-se ao redor não de um Estado, mas de uma crença e de uma religião.

O segundo relato da criação acha-se na sequência do primeiro e é bem mais problemático do ponto de vista ambientalista ou feminista. Sua estrutura é diferente do primeiro relato e menos homogênea, fazendo crer que é uma história mais antiga e que passou por inúmeras mudanças, talvez por sua estrutura oral. Nele, o homem é formado em primeiro lugar de maneira semelhante ao de outros mitos cananeus, e todas as coisas são feitas para o seu sustento, isto é, uma criação antropomórfica, onde o homem dá existência aos seres vivos junto com Deus, uma vez que cabe a ele nomear toda a criação. Em outras palavras, a criação não existiria sem o homem. Inclusive a mulher tem este mesmo destino, uma vez que é feita para lhe ser auxiliadora. Este segundo relato é o mito de origem de uma sociedade rural e patriarcal, que procura orientar e organizar o fazer no campo.

Os dois mitos são contados em épocas diferentes, em culturas diferentes, mas que em conjunto, demonstram os antagonismos de uma sociedade que passava por mudanças decisivas: do campo para a cidade; da estrutura familiar para uma estrutura de identidade nacional; do politeísmo para o monoteísmo.

Além disso, ao contrário dos deuses dos povos dominantes, o Deus de Israel começa a tomar uma estrutura histórica. Assim, Deus passa a influenciar diretamente o dia-a-dia e a história de seu povo. As ações são de um Deus que não criou o mundo e se afastou e sim de um Deus que atua continuamente na história do povo que o elegeu (ou foi eleito por Ele).

Além disto, a historicização do enredo da criação tem outro acréscimo. Segundo Eliade (2001, p. 43),

[...] as cerimônias de renovação se tornam móveis, destacando-se do quadro rígido do calendário; de outro lado, o rei se torna, de certo modo, responsável pela estabilidade, fecundidade e prosperidade de todo Cosmo. O que equivale dizer que a renovação universal se torna solidária não mais com os ritos cósmicos, mas com as pessoas e os eventos históricos.

No entanto, esta estrutura monoteísta tinha suas limitações. A hierarquização do culto determina uma relação de poderes muito mais demorada ou burocratizada. O povo não tinha a quem apelar em situações cotidianas, como o plantio ou colheita, ou mesmo para tratar de doenças em suas próprias casas, principalmente a população rural. Então o sistema cultural era duplo.

Todas as vezes que os antigos hebreus viviam uma época de paz e prosperidade econômica relativas, afastavam-se de Jeová e tornavam a aproximar-se dos Baals e das Astartes dos vizinhos. Só as catástrofes históricas forçavam-nos a voltarem-se para Jeová. [...] Esses deuses e deusas só podiam reproduzir a vida e aumentá-la, e mesmo assim só em épocas 'normais'; em resumo, eram divindades que regiam admiravelmente os ritos cósmicos, mas se revelavam incapazes de salvar o Cosmos ou a sociedade humana num momento de crise (crise histórica entre os hebreus) (ELIADE, 2001, p. 107s).

Esta estrutura, até certo ponto, ainda é mantida hoje na relação da população com o Deus judaico-cristão. O sincretismo religioso da população só é substituído quando um grande fato exige um retorno a Deus.

A ORIGEM SEGUNDO OS GREGOS

Para os gregos, os mitos de criação se constituem de maneiras e formas diferentes na sua história. Desde a *Ilíada* e *Odisséia* de Homero, que por volta do século XI aC. codifica os mitos teogônicos e cosmogônicos de forma ainda religiosa ou mística, até os filósofos que a partir do século V aC. começam a dessacralizar a criação e a colocar um componente racional na história.

Neste artigo vamos indicar a criação contida no '*Timeu*' de Platão, uma vez que também embasou a formulação, ou ao menos a interpretação da criação dos cristãos da Idade Média e também da modernidade.

O *Timeu* constitui um vasto mito cosmogônico, no qual Platão – revelando a crescente influência do matematicismo pitagórico – descreve a origem do universo.

Platão concebe a existência de três elementos eternos, os quais caracterizam sua cosmogonia: as ideias, a matéria e o demiurgo ou artífice da criação. No futuro, o neoplatonismo, sobretudo o de Plotino, dará aos três elementos uma sequência dinâmica, que serão adotadas pelos teólogos cristãos para racionalizar sua crença na Trindade Divina.

As ideias, para Platão, são eternas, reais, universais; elas correspondem aos números arquetípicos de que falam os pitagóricos, a partir dos quais Platão formulou sua doutrina. Deus, enquanto organizador do mundo, é um *demiurgo* (artista, produtor). Atuando sobre a matéria, imprime na mesma as ideias universais. Nasce desta maneira os indivíduos, os mais variados, como sombra das ideias eternas. Deus é conceituado como um artista, que se orienta por uma ideia preexistente. No pensamento platônico, Deus surge como primeiro motor (alma do universo) e como organizador do mundo (demiurgo).

Em seguida, Platão, tenta mostrar as causas das impressões que estes elementos produzem em nós. A partir desse ponto surge a antropogênese, pois Platão vai explicar todas as impressões sensíveis para poder tratar da origem da parte mortal da alma. Decorrente da explicação das impressões sensíveis pode-se conceituar o princípio imortal da alma, isto é, o corpo mortal e a alma imortal.

O exemplarismo pitagórico e platônico foi assimilado pela filosofia cristã, mesmo pelo aristotelismo de Tomás de Aquino, que faz Deus ser o modelo exemplar de todas as criaturas. Platão não apresentou um Deus claramente como um *Ser* personificado, porque oferece os três elementos eternos separadamente (ideias reais, Demiurgo, matéria eterna). O platonismo futuro tenderá a fundir as ideias e o demiurgo.

Como podemos perceber, as referências platônicas na doutrina cristã são inúmeras. É através do dualismo grego que os cristãos lerão os mitos hebreus, transformando-o em um mito próprio, renovado pela filosofia grega. Mais tarde, os modernos radicalizarão esta leitura criando a ciência instrumental para conceber a natureza.

A ORIGEM SEGUNDO OS MODERNOS

O cristianismo ocidental bebeu em diversas fontes para construir seu sistema de mundo. E apesar de utilizar a estrutura judaica, a passagem de religião perseguida para religião de estado veio acompanhada de uma transformação radical do modelo civilizacional. Durante toda a Idade Média, “Ainda que os cristãos tenham eleito a versão hebraica como norma teológica, eles a leram durante 1500 anos tendo em mente a cosmologia do *Timeo*” (RUETHER, 1993, p. 43, tradução nossa)⁵.

Para os modernos, a natureza, que havia sido desmistificada pelos gregos, passa agora a ser objeto do fazer humano. É a ciência instrumental que determina um utilitarismo antropocêntrico à natureza, que passa a ser obra não mais de um relojoeiro ou demiurgo, mas uma serva das necessidades humanas.

⁵ Texto original: “Aunque los cristianos eligieran la versión hebrea como norma teológica, la leyeron durante 1500 años teniendo en mente la cosmología del *Timeo*” (RUETHER, 1993, p. 43).

Estas relações de domínio e conquista pode ser percebido em vários campos da vida moderna. O domínio, a conquista e o progresso passam a ser palavras-chaves no mundo moderno. Como nos diz Ruether (1993, p. 15),

As tradições culturais clássicas do ocidente, codificadas entre os anos 500 AC e 800 DC e cuja principal expressão é o cristianismo, tem justificado e sacralizado estas relações de domínio. Assim, herdamos não só um legado de sistemas de domínio, mas também culturas que nos ensinam estas relações como sendo a ordem natural e a vontade de Deus (Tradução nossa)⁶.

A flecha do tempo não retrocede, e apesar de vislumbrar o paraíso perdido no passado mítico, constrói um paraíso futuro muito mais audacioso, repleto da técnica e da razão humana.

No entanto, o ser humano moderno ocidental se modificou a ponto de rejeitar a sua própria origem, e neste caminho de progresso e conquista, deixou-se aprisionar pela própria fonte de sua libertação mítica e religiosa, transformando a ciência instrumental em seu mito fundante.

A criação na modernidade não é tratada como um mito, mas como um fato científico a ser investigado e descoberto pela razão. Neste sentido, todas as teorias científicas sobre a origem do universo ou da vida são muito semelhantes ao racionalismo grego platônico, porém com a retirada de cena do arquiteto universal.

CONCLUSÕES

As rupturas entre o ser humano e o meio ambiente, ou de outra forma, da cultura e da natureza, aconteceram em diversos pontos. Não basta, para que tentemos construir uma nova racionalidade, que seja também ambientalmente equilibrada, que critiquemos somente os constituintes da modernidade. É necessário pensar no problema ambiental como um problema complexo que tem origens bem mais remotas que as baseadas na modernidade. É certo que a modernidade amplificou os problemas, mas também por amplificar as estruturas mais antigas, como o patriarcado, o dualismo e o monoteísmo. Para a construção de uma proposta de Educação Ambiental, é necessária uma perspectiva plural, calcada em uma espiritualidade que, não deixando de ser racional, seja mais libertadora e produtora de justiça.

Neste sentido, que passemos a construir uma nova forma de encarar os mitos de criação. Que eles sejam capazes de, entretidos com outras formas discursivas, nos fazer reconhecer na natureza o nosso duplo, o nosso complemento. “Sendo a criação do mundo a criação por excelência, a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda espécie de ‘criação’” (ELIADE, 2002, p. 25).

Que a legitimidade dos mitos não passe por uma ótica de fato histórico, mas sim de fato religioso, ou espiritual, que possa nos ampliar os horizontes para que nos sintamos parte não só de nossos corpos, mas de nossa sociedade ou aldeia (mesmo que seja uma aldeia global). A história linear nos colocou com os olhos no futuro tecnológico. Que esta mesma história seja capaz de nos

⁶ Texto original: “Las tradiciones culturales clásicas de Occidente, codificadas entre los años 500 aC y 800 dC y cuya principal expresión es el cristianismo, han justificado y sacralizado estas relaciones de dominio. Así, heredamos no solo un legado de sistemas de dominio, sino también culturas que nos enseñan a ver dichas relaciones como el orden natural y la voluntad de Dios” (RUETHER, 1993, p. 15).

carregar para um tempo não linear que supere a noção de progresso, para a noção de criatividade para a qualidade de vida, não só individual, mas ambiental.

A Educação não será o único caminho que deve ser percorrido para escaparmos do fim do mundo apocalíptico e ambiental. Necessitamos que uma nova espiritualidade seja construída na relação do interno com o externo.

Os mitos terão um papel importante nesta nova criação. Não só os mitos que construíram nossa sociedade ocidental, mas o diálogo frutífero entre os mitos de criação das mais diversas sociedades, dos mais diversos modelos civilizatórios. No diálogo frutífero poderemos encontrar uma nova origem ambientalmente mais rica e com relações mais igualitárias.

REFERÊNCIAS

GÊNESIS. In: BIBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969. cap. 1, vers.1-31, cap. 2, vers.1-25.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civali. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 179 p.

_____. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 191 p.

PLATÃO. **Diálogos**: Timeu, Crítias, O segundo Alcibíades, Hípias Menor. Trad. Carlos Alberto Nunes. Coord. Benedito Nunes. 3. ed. rev. Belém, PA: Universidade do Pará. 2001. 221 p.

RUETHER, Rosemary Radford. **Gaia y Dios**: una teología ecofeminista para la recuperación de la tierra. México: DEMAC, 1993. 318 p.